

MOA SIPRIANO

Daniel



MOASIPRIANO.COM

DAREL

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Ilusão

Élvio não conseguia controlar a ansiedade desde que tomara a decisão. Pela primeira vez na vida ele ia escapar da sua pacata Cabreúva e conhecer São Paulo, a Consolação iluminada por luxos e prazeres a povoar seus sonhos desde a tenra infância. Tudo bem que a “viagem” duraria apenas um dia, ou melhor, algumas horas, descontando o trajeto de ida e volta. Porém, o que importa é que Élvio estava radiante. Havia acabado de completar dezotoito anos. Ir para São Paulo – sozinho – carregava um sabor de vitória, de independência, de “agora eu sou Homem!”.

Élvio morava com o avô. Ambos trabalhavam na criação e venda de galinhas pra lá de caipiras, atividade que tomava praticamente todo o tempo do rapaz, já que nos últimos anos ‘seu’ Ambrósio costumava gastar boa parte do dia jogando bocha e enchendo a cara com os amigos, velhos da guerra.

Quando a meia-noite chegava, trancado em seu quarto, Élvio passava horas conectado, navegando entre salas de bate-papo ou lendo perfis no Orkut e no Almas Gêmeas, sempre à procura do primeiro namorado, da primeira transa.

Pois é, chuchu, Élvio era virgem. Virgenzinho da Silva. Nunca havia saído com outro cara. Tudo o que sabia sobre sexo, aprendeu na companhia de revistas eróticas héterolinhas e, nos últimos meses, através dos incontáveis filmecos pornográficos que encontrava no site do Mix Brasil.

Élvio assistia sexo fragmentado, madrugada após madrugada, enquanto se tocava, todo curioso e envolto em pecados e dúvidas, diante do ovalado monitor catorze polegadas, onde fantasiava ser possuído por todos aqueles atores sarados que suavam seus estupendos contornos durante as mais variadas fodarias.

Santo PC! Santa tia Judite, que havia presenteado Élvio com a máquina tinindo de nova, comprada nas Casas Bahia em doze suaves prestações.

Além do Positivo, o sobrinho querido ainda ganhou de um amigo um curso básico de informática em CD, comprado de um camelô qualquer lá da mítica Rua dos Andradas, com algumas explicações defasadas de como usar o “Ruindous” e o “IEsplórer”.

O mundo de Élvio era fechado, apático, sem nenhuma novidade digna de nota. Passara todos os dias preso a uma rotina simples, comum e corrente.

Largou os estudos quando cursava a antiga quinta série e passou a traba-

lhar na granja do avô, em tempo integral. Nas poucas horas vagas, geralmente tarde da noite – antes da chegada do computador –, o magricelo gostava de se jogar nu sobre a cama em seu minúsculo quarto a implorar reboque; folhear algumas revistas repletas de (argh!) sacanagem hétero (deus-me-livre comprar revista gay na banca do Centro, ele pensava), onde ignorava sumariamente as atrizes e prestava atenção máxima nos atores e em seus dotes, enquanto socava a trigésima punheta, imaginando ser muito bem enrabado no lugar daquelas putas platinadas.

* * *

O banho foi demorado. O pior foi a escolha da roupa e do perfume. Queria causar a melhor impressão possível diante do namorado virtual, que após quase uma semana inteira de contatos via *e-mails* e *eme-ésse-enes* (sem câmera da parte dele, é claro!), finalmente conseguira marcar o primeiro encontro real.

Tudo certo. Tudo maravilindo!

Duas notas de vinte e a identidade enfiadas no bolso da falsificada camisa polo, uma última inspeção no topete carregado de gel, uma careta máscula de contentamento diante do espelho, um bilhete deixado para o avô sobre a mesa da cozinha.

Élvio saiu de casa quase em disparada, ansioso para pegar a primeira das conduções que o levaria para a terra da ácida garoa.

Durante a tranquila viagem pela Rodovia dos Bandeirantes, Élvio tentava controlar a ansiedade, ora enfiando as mãos no meio das coxas lânguidas, ora desdobrando pela milésima vez a folha impressa onde havia uma das fotos sorridentes do amado.

Após meses de intensa caça e de recusas completas, Élvio finalmente conheceu um “sério” pretendente através do Orkut. Ele ria ao recordar que foi um custo convencer Osvaldo de que era realmente virgem de tudo, tudo mesmo!

Geralmente, os caras que conversavam com Interior acabavam sumindo do mapa assim que ele revelava que era ingênuo e inexperiente na arte do sexo.

Incontáveis as situações em que Élvio foi taxado de mentiroso simplesmente por sempre defender a sua realidade.

Ninguém mais acredita na virgindade de corpos e corações puros, imaculados. Mas com Osvaldo foi diferente.

Após oito minutos arrastados num chat do UOL, o “namoro” engatou em apenas cinco minutos de teclas batidas através do Google Talk.

Osvaldo poderia ter sido um modelo ou um ator de cinema, tamanha era sua beleza em simetria surreal. Élvio acreditava ter ganhado na loteria ao receber aquela cantada via *scraps* e ver pela primeira vez o rosto do seu príncipe nas fotos liberadas no Orkut.

Osvaldo possuía um olhar de intenso marrom, cabelos pretos cortados à escovinha e uma pele branca sem um sinalzinho qualquer de imperfeição, além de um sorriso magnífico, emoldurado por uma boca de másculos lábios carnudos, um farto bigode petróleo muito bem aparado e – como arrebatador toque final – um fofo furinho no queixo quadrado, completando assim o semblante fantástico do macho dos sonhos de qualquer bambee imaCULado.

É pena que em todas as fotos somente o rosto era revelado. Nada de imagens de corpo inteiro. Mas isso, por causa daquele ingênuo encantamento a besuntar a razão, pouco importava, já que em mais alguns instantes o rapaz do interior poderia conferir todos os detalhes daquele Super Bofe paulistano ao vivo e em cores.

Ainda no Cometa, Élvio maquinava um objetivo muito concreto para aquele dia tão especial: queria aprender a beijar. Queria experimentar a boca, a língua de outro homem. Queria compartilhar um beijo global com um macho, exatamente como ele via na televisão, onde fantasiava estar na pele de qualquer atriz sendo amada por um Ramos ou Fagundes, seus ídolos supremos.

* * *

O Cabreúva chegou ao Terminal Rodoviário cinco minutos depois das duas da tarde de uma quinta-feira muito abafada de fevereiro. Osvaldo havia marcado esse horário, pois era o único disponível em sua apertada agenda de compromissos sempre inadiáveis. Ele afirmava ser advogado.

Duas e quinze. Élvio, estático na frente do Balcão de Informações, já não conseguia mais lidar com o nervosismo, quando, de repente, sentiu uma pesada mão tocar seu frágil ombro esquerdo.

Ao virar-se e olhar o conjunto que compunha o ser tão desejado, Élvio quase deu um grito, não se sabe se de alegria ou de susto, pois seu amado era o oposto daquilo que estava impresso na amarrotada folha de sulfite, escondida no bolso traseiro da estreante calça Hot Point paga em quatro suadas parcelas.

“Você... é o... Élvio, certo?”, um homem balofo perguntou, entre pigarros sinistros, abrindo um sorriso de dentes amarelados, cobertos parcialmente por um bigode desgrenhado.

“Sim, sou eu. E você é o Os... valdo?”, questionou Élvio, adiantando a mão morena e gelada em busca de um cumprimento quente, lesmódico, afirmativo.

Oswaldo confirmou sua identidade e convidou o rapaz para um café. Em pé, apoiados num balcão de granito, o “advogado” consumia o corpo de Élvio em olhares diretos e não escondia seu crescente tesão diante do viadinho (que se dizia) virgem.

Seu membro já havia atingido a máxima rigidez e de tempos em tempos ele encostava a ponta do sexo escondido debaixo dos panos em uma das coxas treme-treme do Inexperiente.

Cabreúva ficou mudo, confuso e nervoso diante daquele encontro que em nada se parecia com seus sonhos mais remotos.

Oswaldo não era igual ao cara das fotos, mesmo ele se desculpando, afirmando que as mesmas eram um tanto antigas, feitas em estúdio, onde “a luz correta favorece certos ângulos”.

Oswaldo também não tinha porte de um advogado bem-sucedido. Para aquele encontro, ele trajava um surrado conjunto de moletom cinza apagado, uma camisa branca que não estava em seus melhores dias e um par de All Star talvez adquiridos no século dezoito... antes do Cristo!

Entre sorrisos caramelados e um irritante gaguejar, o balofo tentou justificar seus trajés, dizendo que costumava correr na hora do almoço, após tomar um rápido lanche, para depois voltar ao apartamento, curtir uma chuveirada, se trocar e voltar ao escritório, repleto de energias devidamente renovadas.

Cego pela indecisão e pelo desejo de se entregar para um macho “de verdade” de qualquer jeito, Élvio escutava desatento todas as ladainhas do sapo, pois sua atenção estava voltada ao colosso pulsante daquele ser inclassificável, que não parava de bailar debaixo do agasalho puído, querendo rasgá-lo a qualquer custo, e penetrar o corpo de Élvio da maneira mais ardente possível.

Após destrambelhados doze minutos de *blá blá blás*, Osvaldo convidou Élvio para dar uma volta. Era a chance do rapaz, enfim, conhecer um pouco da Cidade Cinzenta.

Feito um zumbi, Élvio pagou os cafés e seguiu seu macho até uma rua próxima. Entraram num Ômega Suprema que estava mais sujo do que os poleiros das aves que o garoto cuidava.

Osvaldo, percebendo o desconforto de Élvio, afirmou que o carro estava malcuidado por causa das estradas poeirentas que ele era obrigado a pegar para ir até uma de suas fazendas, localizada em algum lugar paradisíaco nos cafundós de Minas Gerais.

Rodaram pelo centro de São Paulo. Élvio, extasiado, rodopiava a cabeça em todas as direções para não perder nenhum detalhe das Ipirangas e São Joãos da vida.

Tudo era belo e fascinante. Tudo parecia um filme, onde milhares de figurantes caminhavam apressados de um lado para o outro, e todos pareciam correr em volta do casal de machos ocultos no interior puro pó da caranga caindo aos pedaços.

“Que prédio é aquele?”, perguntou Élvio, enquanto baixava o vidro do carro e enfiava a cabeça para fora a fim de apreciar em detalhes a imponente construção.

“Aquele é um dos prédios mais altos de São Paulo. É conhecido como ‘Edifício Itália’. Mas vamos voltar ao que interessa, continue socando meu cacete, pois já estamos chegando e eu tô louco de vontade de foder teu cuzinho”, rosnou Osvaldo, suando em bicas.

Élvio achou excitante as palavras e toda aquela transgressão erótica. Aos poucos foi se conformando com a situação confusa, diferenciada... coisa de gente de cidade grande, ele meditou.

Interiornildo enterrou a razão em algum lugar do passado. Cerrou os olhos e se deliciou em êxtase pueril quando voltou a apalpar o membro volumoso do seu dono, sentindo a textura barroca daquele naco de carne branca por entre seus dedos repletos de marcas da terra, enregelados, úmidos.

Ao despertar dos seus devaneios assim que o carro estacionou, Élvio percebeu que estavam no subsolo de algum prédio decadente. O rapaz notou canos pastosos repletos de fungos esverdeados por todo canto. Notou também o emaranhado de fios coloridos que pendiam, descascados, de vários

pontos dos pilares que eram obrigados a amparar não-sei-o-que. A mistura das fragrâncias de mofo pinhosolícito, gasolina e querosene beirava o insuportável, ao mesmo tempo em que toda aquela atmosfera criava um clima esmerado para uma boa fodaria; um roteiro fascinante bem melhor elaborado do que todas as fantasias que Élvio um dia fora capaz de idealizar.

Oswaldo segurou as orelhas de Élvio, forçando o rapaz a abocanhar seu alien que pulava de uma vez para fora do agasalho. Élvio, aturdido, tentou de todo jeito sentir prazer durante aquele ato, ora chupando a viga mestra, ora sugando a barra de carne que cheirava a mijo ancestral.

Um dedo intruso buscava confirmar a existência do lacre da suprema virgindade. Oswaldo apalpava com boa dose de truculência as nádegas de Élvio, enfiando com crueldade o dedo indicador no meio daquele rabo macio, por cima do jeans, na direção do róseo até então intocado por outro macho.

Oswaldo gritou com Élvio, empurrando sua cabeça para longe do seu sexo podre, afirmando que o rapaz pagava um péssimo boquete e também que tinha pressa para realizar o ato, pois ambos não poderiam permanecer naquele local por muito tempo.

Élvio questionou qual o motivo dos dois não ficarem mais à vontade no apartamento de Oswaldo. O tratante desconversou, afirmando que ali eles poderiam realizar com maior prazer e privacidade uma das fantasias que Élvio havia lhe revelado em um dos milhares de *scraps*, via Orkut.

Mudando radicalmente de comportamento, tornando-se amável de um jeito fora do comum, Oswaldo presenteou Cabreúva com um carinhoso abraço. Em sua visão periférica, focou todas as direções, apertou um botão no painel, saiu do carro e pediu com um timbre meloso que Élvio fizesse o mesmo.

Com a porta de trás da Suprema bem escancarada, assobiando trechos de Wagner com toda calma do universo, o estranho ajeitou um plástico-bolha por sobre o assoalho do carro, certificando-se que tudo ficara bem coberto, inclusive a parte de trás dos bancos, para que nenhuma sujeira pós-trepada impregnasse o carpete gasto.

Um Élvio petrificado, sem nada entender, foi literalmente carregado para o vão do que ele acreditava ser um gigantesco porta-malas. Oswaldo, experiente, pôs o rapaz de quatro, baixando-lhe rapidamente as calças, enquanto preparava seu membro para deflorar de uma vez por todas a sua bixa-virge.

Sugando todas as pregas do novato, o dominador proporcionou o primeiro e único prazer do rapagote, que se contorcia em ângulos requebrados, piscando o rabo açoitado por uma língua brucutu.

Oswaldo cuspiu e lubrificou com severidade um cu assustado, ora relaxado, ora apertado ao extremo. Quando o selvagem enterrou o pau desprotegido, o interiorano rabo transpirou um uivo sufocado por uma estocada pesada, fedida e gosmenta.

Estapeado pela Dor, Élvio caiu na real e percebeu que sua fantasia, seu encontro com o namorado-virtual, seu sonho de ser amado intensamente pela primeira vez dava lugar a um estupro premeditado, porcamente calculado nos mínimos detalhes.

Oswaldo tapava a boca de Élvio com uma das mãos e com a outra apertava, desajeitado, a garganta do rapaz. O peso das suas pelancas e a potência do seu grosseiro sexo disforme asfixiavam todas as esperanças de felicidade e realização de Élvio, que ia rapidamente perdendo os sentidos, onde toda sua penosa vidinha cabreuviística pululava em flashes diante do seu olhar perdido, vítreo, triste, desfocado.

Gritando além do horizonte, o Abominável encerrou seu ato depravado, orgulhoso de ver seu Potente banhado em sangue, ao retirá-lo ainda rígido do vazio que fora criado na alma de Élvio.

Aturdido, Interiornildo ainda tentava compreender tudo o que acontecera em menos de três minutos. Sem tempo de aprumar os últimos pensamentos e primeiros sentidos em ordem lógica, seu corpo foi revirado com experiente revolta, e um caralho repleto de sangue, cracas de porra e filetes de merda foi enfiado em sua boca, tapando o que lhe restava de energia e vontade de viver. As lágrimas vieram aos borbotões.

Por causa dos socos desferidos pela Senhora Intuição, Élvio acatava a certeza de que tudo chegara ao fim. Ele pressentia que não sairia dali com vida.

Buscado faíscas de ilusória paixão que ainda acreditava possuir, cuspiu o sexo pestilento de Oswaldo da sua boca besuntada em imundície e implorou ao homem que lhe proporcionasse o último desejo:

“Vado, ou seja lá quem você for, por favor, me dá um beijo. *Dêxa* eu sentir tua língua podre na minha boca adolescente. Seu filho de uma vadia... quero sentir teu bigode nojento roçar meus láb...”

Élvio não teve tempo de terminar a frase, pois um fio de aço materializado num dos cantos do calabouço dançou uma reviravolta extremada em seu pescoço, liquidando a totalidade dos seus sonhos terrenos para sempre.

Realidade

Definitivamente, nada é por acaso.

Darel assoprava os longos cabelos lisos de Élvio, produzindo entre seus dedos transparentes delicados rolinhos com aquelas madeixas escuras.

Élvio repousava nos abraços do seu amante angelical; dois pontos luminosos no topo do Edifício Itália, observando milhares de torres de concreto a espetar uma terra carregada de solidão e tristeza.

“Acho que já está na hora de voltarmos, não é mesmo? Você ainda não está cem por cento curado. Além disso, eu ainda tenho muita coisa a revelar... de modo a preparar o seu retorno triunfal...”, sussurrou o anjo de guarda de Élvio, levitando acima do impossível, chacoalhando a ponta da sua descomunal asa direita.

Sereno, Élvio apenas sorria, entregando as redondezas dos seus dedos à mão alada que o ascendeu de imediato. Ele ganhou um sorriso lindo, seguido de um suave beijo no alto da cabeça, depositado pelos lábios ternos do protetor que o acompanhara por sete existências.

Em uma nova rotina, ambos separavam bom tempo das madrugadas terrenas a passar horas ali, planando, namorando, observando o incessante movimento da Grande Cinzenta, prontos a intuir segundos de proteção a quem buscasse ajuda durante uma simples oração sincera.

No segundo exato após a Recuperação, Élvio adquiriu a missão de monitorar aquele que um dia lhe havia bloqueado uma existência. Ele acompanhava o remorso e os dramas vividos pelo seu algoz. A decadência do Selvagem culminaria, em breve, com seu próprio desencarne sofrido e escarrado.

Vítima e Agressor logo estariam Olho no Olho. Ambos repassariam seus carmas a limpo. Futuros seriam revelados. Passados seriam revividos. Presentes seriam explorados. Enfim, tudo seria esclarecido.

Punir o Infeliz? Isso era trabalho dos Superiores.

Sim, é uma verdade: Há outra forma de Justiça.

“Osvaldo” sofria com a imagem congelada de um garoto puro que só queria descobrir as maravilhas da Primeira Vez. Ele delirava com “sonhos” constantes onde Darel o obrigava a assistir o filme das suas atrocidades num *loop* infinito, dolorido, necessário.

Seguindo os passos claudicantes do Desajustado, Élvio besuntava seus tímpanos com uma canção celestial bem chiclete, cuja letra desestimulava o demente de realizar outros atos brutais, parecidos com o que ele havia feito com um jovem que só desejava fazer o amor, idealizando um homem que nem precisava ser o ideal, mas que soubesse o valor e a importância de compartilhar um único momento de doce intimidade entre lábios atrevidos e línguas companheiras.

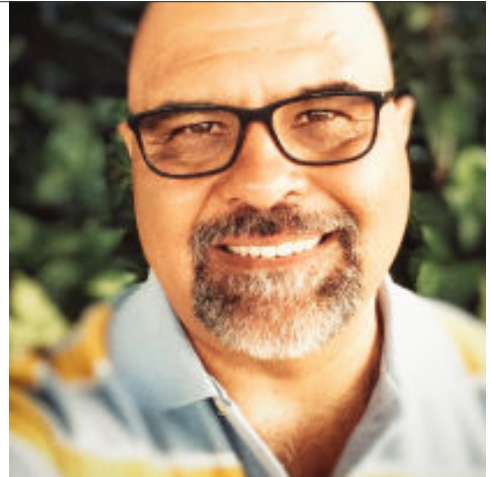
Um beijo eletrificado, profundo, demorado... igual ao que Élvio apreciava nas novelas globais ou que sonhava trocar com seus atores pornôns durante suas fantasias juvenis, quando ainda era virgem no sexo e mantinha o coração puro, ingênuo, imaculado.

* * *

“Darel, meu companheiro, será que um dia alguém poderá contar a nossa história?”, suspirou Élvio, enquanto o casal etéreo perfurava uma nuvem carregada de pérolas perfumadas.

“Eu faço questão que o mundo saiba a realidade dos anjos”, entoou Darel, beijando a fronte do seu protegido.

“É chegada a hora de preparar o Escolhido a pregar Boas Verdades”, completou o divino, esticando as asas, convidando Élvio para um necessário aconchego. Ambos intuíaam que a história – essa história! – não acaba aqui...



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
